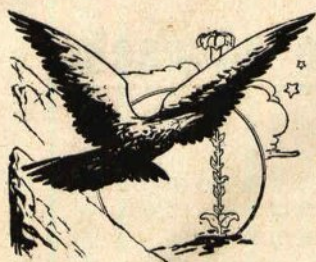
"A Águia – Revista Quinzenal de Literatura e Cultura"

Séries:

1a: dez. 1910 - jul. 1911
2a: jan. 1912 - out. 1921
3a: jul. 1922 - dez. 1927
4a: jan. 1928 - dez. 1929
XXo. ano: jan. 1932 - jul. 1932

http://ric.slhi.pt/A_Aguia/revista
(Jan. 2023)

N.º 1 — 1.ª Série   Porto, 1 de Dezembro   Ano I — 1910

Director e proprietário, ÁLVARO PINTO
Editor e administrador, TÉRCIO DE MIRANDA

Edição especial
(20 exemplares)

Redacção e administração
Rua da Alegria, 218 — Porto.

Composto e impresso na Tipografia da
Empreza Guedes, R. Formosa, 244-Porto.

Os homens superiores na selecção social

Eu comprehendo o pessimismo de certos homens superiores e o seu desdem pela opinião das maiorias. Comprehendo a misanthropia de certas creaturas dotadas de superioridade intellectual ou moral. Dizia Goethe, e com razão, que «os homens superiores só pertenciam ao seu tempo — pelos seus defeitos».

Na verdade é assim: o homem superior está para alem do seu tempo. Por isso é superior.

O seu tempo é formado por uma synthese de ideias, por um conjuncto de sentimentos, a que se poderia chamar a «alma das maiorias». O homem superior, estando para alem do seu tempo, para além das opinioens do seu tempo, sente que a sua razão paira muito acima da razão das maiorias.

As maiorias são a mediocridade, o typo medio d'uma dada epoca. O homem superior, sendo o esboço, o embryão, a synthese individual, d'uma epoca futura, não pode furtar-se, de quando em quando pelo menos, a um sentimento de despreso pelos homens, pela massa commum da humanidade, pelas maiorias em summa.

A razão das maiorias é uma força conservadora; a razão dos homens superiores é uma força creadora. As maiorias são a estabilidade, o homem superior é o *perpetuum mobile* do progresso. As maiorias tendem a fixar o estabelecido; o homem superior é uma força de evolução progressiva. A's vezes o conflicto entre estas duas tendencias, uma estagnadora, outra propulsora e genesiaca, estala. D'um lado uma maioria que não póde adaptar-se bruscamente a um estado futuro; do outro lado um individuo superior que não pode amoldar-se a uma epoca que para elle já é o passado. Por isso se comprehende que o homem superior ás vezes seja dolorosamente pesado ao commum dos homens; por isso se comprehende a hostilidade das maiorias em face de certos homens superiores.

Ellas defendem-se contra um salto brusco de evolução, contra um meio social, intellectual e moral, a que não podem adaptar-se ainda. Se as maiorias podessem assimilar rapidamente os progressos gerados pelo espirito creador dos homens superiores, o mundo seria um paraiso e a escala da perfectibilidade humana seria curta e facilima de transpôr.

As maiorias evoluem lentamente, caminham para o futuro e para o progresso devagar, muito devagar mesmo. Para acompanhar os homens superiores teriam de ir em marcha forçada. E as maiorias caminham sempre a passo, com receio de uma passada em falso. Não podem acompanhar os homens superiores, porque se sobrefatigariam. Por isso não admira que, quando certos homens superiores pretendem arrastal-as comsigo, impellil-as vertiginosamente para deante, ellas puchem um bocadinho para traz.

Por isso se comprehende a hostilidade das maiorias e por isso se comprehende tambem que ás vezes ellas sejam para o homem superior penosas e intoleraveis.

Ha homens superiores que sabem que as maiorias não podem caminhar a passo estugado e tranzigem d'um certo modo, que é não perderem a paciencia para esperar. São poucos, todavia. A maior parte esquece-se de que o passo das maiorias é vagaroso e pausado e insurgem-se. D'ahi a sua misanthropia, o desdem pelo seu tempo e o seu despreso pelos homens. E por isso se comprehende que o orgulhoso Zarathustra, o Sobrehomem do poema nietzescheano, abomine por vezes o *rebanho escravo*, esquecido de que esse rebanho de escravos ás vezes tambem é — um Sobrehomem collectivo, e de que o Sobrehomem-individuo é afinal uma synthese, uma affusão de sentimentos e ideias dispersas, um interprete.

A vida evolue num dado sentido; os homens superiores são quem o marca, são quem traça o caminho.

Como em todas as especies, o sentido da evolução é esboçado por alguns typos isolados mais aptos, mais perfeitos. Na especie humana esses typos são representados pelos homens superiores. O homem superior é o interprete de certas tendencias dispersas e latentes na massa commum dos homens, como o typo isolado, que esboça a variação util d'uma dada especie, é o interprete de muitos caracteres latentes d'essa especie. Esses «typos de vanguarda», chamemos-lhe assim, são uma synthese necessaria, um poderoso processo de selecção natural para fixar novos caracteres.

A's vezes o conflicto irrompe? Necessariamente: a selecção não se faz sem lucta — e ai dos que triumpham sem luctar primeiro!

* * *

Este conflicto traduz-se na vida dos aggregados humanos pelo choque de duas correntes de philosophia social — a dos que reclamam para a vida das sociedades a supremacia soberana das maiorias, e a dos que reclamam a supremacia dirigente d'uma *élite*.

Mas não nos illudamos. Uma *élite*, antes de vencer, tem de fazer as suas provas. Como? Precisamente, luctando; não evitando o conflicto, acceitando-o.

Senão veja-se: o que é uma *élite?* Uma *élite* é sempre uma minoria. Mas, e isto é de observação comesinha, se ha minorias progressivas, ha tambem minorias regressivas, que pomposamente se julgam constituindo uma *élite*.

Ha minorias que são o germen de sociedades futuras e minorias que são o residuo de sociedades mortas. Ha minorias que são o fermento de geraçoens vindouras e minorias que são os restos de geraçoens extinctas. Ha minorias que abraçam o futuro e minorias que abraçam o passado; minorias que estendem os olhos anciosamente para ámanhan e minorias que os estendem, saudosas, para hontem. Ha minorias que são uma força

germinal e minorias que são uma força esterilisante.

E entre estas duas forças: uma no sentido do futuro, outra no sentido do passado; uma que impelle para diante, outra que pucha para traz: a maioria representa a força conservadora, a que estabelece e garante o equilibrio social.

E, como não ha nada capaz de destruir uma verdade, a minoria progressiva irá conquistando a maioria, irá absorvendo-a e transformando-a no sentido do futuro. A maioria deixar-se-á transformar lentamente, sem ondulaçoens bruscas e penosas, porque esse é o sentido do seu bem-estar.

A natureza, na sua inconsciencia, parece mais sabia do que certos philosophos que julgam possivel o triumpho da verdade e da justiça sem lucta. Deixae que as minorias progressivas sejam vencidas no conflito! O triumpho das maiorias sobre ellas é aparente. No futuro triumpham sempre as minorias; a minoria progressiva nas sociedades que avançam e vivem, a minoria regressiva nas sociedades que recuam e morrem.

E' um conflicto doloroso? E', bem sabemos. Mas console-nos a ideia e a certeza de que não ha selecção sem lucta, nem transformação que não custe a existencia de alguma coisa, e de que todo o progresso humano se faz atravez d'uma entre-lucta para um entre-auxilio.

O direito dos homens superiores, das minorias creadoras, intelligentes e cultas, é proclamar a verdade. O direito das maiorias é discutil-a e valorizal-a pela resistencia.

Surge o conflicto? Bemvindo seja, porque representa o progresso. No fim da lucta, o homem sahirá mais perfeito, terá adquirido mais uma porção de bem-estar, e será senhor de mais um pedaço de Terra-Promettida.

Manuel Laranjeira

SOMBRA

Vi-te uma vez, bem me lembro,
Quando passava na estrada.
Tinhas os olhos enormes,
E uns geitos de namorada.

Que linda! Nem reparaste
Em mim, na melancolia
Que te punha o rosto pálido...
Era quasi ao fim do dia.

Tinhas na tua janela,
Em flor, dois grandes craveiros.
Já a lua branca nascia
Como um ai, entre salgueiros.

Tornei a olhar-te de lonje:
Tinhas os olhos pregados
Nalgum sonho imenso e vago,
Como os céus já mal doirados...

Nunca mais tornei a ver-te,
(Para que foi que te vi?!)
Mais tarde ouvi que morrêras,
Ninguem mais falou em ti.

Ninguem mais! Foste levada
Nos grandes sonhos dispersos...
Só os craveiros secaram,
E eu escrevi estes versos!

Porto.

Julio Brandão

Sôbre educação

I

A educação dá a medida da liberdade umana. Todo o educador encontra na sua frente um *dado* irredutível constituído pela e r a n ç a e pela anterior adaptação. Se nesse dado entram elementos psicolójicos dominadores ou apenas elementos fisiolójicos condicionando, mas não necessitando a vida moral, é um problema que, por agora, afastamos.

E' todavia certo que todo o omem culto possue, além da vastíssima erança do seu passado biolójico, a riqueza duma determinada tradição istórica e da tradição da cultura umana.

Com o omem aparece na vida uma nova forma de erança — a memória da cultura. A erança animal é necessitante e orgánica, inscreve-se no indivíduo em caracteres anatómicos; a erança umana condiciona apenas; sem ser necessitante, inscreve-se na língua, na ciéncia, na filosofia e na arte. A forma de erança umana mais próssima da erança animal é a tradição relijiosa. Essa, sem inscrever nos caracteres anatómicos do indivíduo os seus dogmas e ritos, constitue pelo seu automatismo mais uma *dressage* que uma educação.

Ainda nela á, contudo, uma certa liberdade, como o demonstra o facto do seu progresso ou antes da sua evolução. E', pois, a educação justificada como forma transmissora das conquistas da cultura umana. Ainda quando a erança sociolójica fosse necessitante, como o é nas sociedades estagnadas, o seu necessitarismo seria apenas de ordem social e não biolójica.

De facto, nas nossas sociedades a educação transmite, *mas seleccionando*, a cultura da raça e da espécie. Ela é, por isso, a medida do alcance da nossa liberdade na determinação do futuro. E' costume dizer-se que uma educação faz um povo e é tambem costume responder-se que um povo faz uma educação.

Ambas as afirmações são verdadeiras. Um povo é um complecso de tradições, portanto de ideias e de sentimentos. Um

povo é tambem um complecso de aspirações, por isso mesmo que é um complecso de ideias. De forma que, num povo como num omem, á sempre uma dualidade entre a parte do caracter, que é a objectivação do passado, e a parte do caracter, que é a antecipação do futuro. Por isso a educação depende da tradição mental do povo e faz a transmissão e enriquecimento dessa tradição. O progresso umano faz-se por via de múltiplos factores, entre os quais, como diz Tarde, a invenção (prefiro elaboração selectiva) de fórmulas e verdades novas pelos omens superiores e a imitação pela maioria. Dentro desta sintética fórmula a educação será constituida pelo conjunto de processos capazes de darem à maioria as invenções do passado (antecipações do futuro) intencionalmente dirijidas para a construção do futuro. O problema da educação é, pois, o problema de transmissão da cultura. Ele tem tres aspectos. A escolha dos elementos essenciais da cultura—*aspecto filosófico.*

Processos de transmissão dêsses elementos—*aspecto pedagójico.*

A pedagojia tem de atender às leis gerais de psicolojia que lhe fornece os meios e à moral que lhe determina o fim. Esta é pedagojia geral. Na aplicação atenderá às características psicolójicas individuais e à moral prática, que, deixando a virtude teórica, perfeição, etc., olhará à possivel perfeição e virtude de cada educando.

Os factores da educação apresentam o *terceiro aspecto.* São a família, a rua e a escola. Qualquer dêstes factores pode atuar por acção directa ou por *acção difusa,* na feliz expressão do ilustre escritor José de Magalhães.

* * *

A escolha dos elementos essenciais da cultura é um problema em cuja discussão é difícil conservar a imparcialidade serena que é precisa à análise filosófica. Interesses de toda a espécie se conjugam para que se complique e desvirtue a verdade.

Em primeiro lugar os interesses económicos exijindo que a instrução deixe a sua verídica missão de *processo* educativo, volvendo-se em instrumento de imediata e exclusiva adaptação à vida económica. Ela seria sómente um meio de ganhar o pão e por aí se quedaria o seu destino social. Isto é o que alguns chamam educação utilitária.

A' aqui acanhamento e audácia. Acanhamento de orizontes intelectuais e audácia revolucionária. A cultura umana é de facto prática, mas é-o por *surcroît.*

A ciência é o prolongamento gigantesco da enxada e da charrua. A filosofia é o complemento da ciência. A arte é o prolongamento transformado dos primitivos *tónicos* da acção. A ciência responde às necessidades do omem; únicamente as necessidades do omem se espiritualizaram e, de imperiosamente animais e instintivas, se fizeram reflectidas e *discutidas.* Com a ciência o omem deixa de ser escravizado ao presente para poder *especular* e *viver* no futuro. A ciência é desinteressada. O omem começa a fazer ciência, quando deixa o raciocínio emotivo, prático, pelo raciocínio lójico, teórico.

O primitivo pensamento animista, semiador de relijiões, diferenciou-se, dando uma forma de pensamento desinteressado e imparcial, que é o raciocínio científico. A ciência não corresponde às necessidades imediatas da sensação, mas à elaboração superior, à necessidade *nova* de coerência e elegáncia lójicas. A utilidade imediata desvia a ciência do seu fim, que é abstracto e teórico. Por isso a cultura científica não pode ser sujeita à utilidade prática, mas sim, como é a dependéncia verdadeira, a utilidade à ciência.

O estudo das literaturas e da istória é quási ou totalmente eliminado por esses utilitários, que se julgam na vanguarda do progresso. E' ainda um êrro.

Abstraindo, por agora, do valor pedagójico intrínseco dêsses representantes da cultura, é ainda imenso o papel educativo das literaturas. A ciência resultou, como vimos, dum profundo trabalho de elaboração e teorização. O pensamento umano permaneceu e permanecerá emotivo e prático; o pensamento científico é impessoal, teórico e abstracto. De modo que a educação estritamente científica, desprezando essa parte *viva* do espírito umano, produzirá isolada ou conjuntamente dois

Os Colaboradores d'A Águia

T. de P.

(Desenho de Jaime Cortezão.)

N.º 1 — 1.ª Série   Porto, 1 de Dezembro   Ano I — 1910

A ÁGUIA

REVISTA QUINZENAL

Director e proprietário, ÁLVARO PINTO
Editor e administrador, TÉRCIO DE MIRANDA

Preço do número — 50 rs.

Assinatura — 10 números, 500 rs.

Redacção e administração
Rua da Alegria, 218 — Porto.

Composto e impresso na Tipografia da Empreza Guedes, R. Formosa, 244-Porto.

Os homens superiores na selecção social

Eu comprehendo o pessimismo de certos homens superiores e o seu desdem pela opinião das maiorias. Comprehendo a misanthropia de certas creaturas dotadas de superioridade intellectual ou moral. Dizia Goethe, e com razão, que «os homens superiores só pertenciam ao seu tempo — pelos seus defeitos».

Na verdade é assim: o homem superior está para alem do seu tempo. Por isso é superior.

O seu tempo é formado por uma synthese de ideias, por um conjuncto de sentimentos, a que se poderia chamar a «alma das maiorias». O homem superior, estando para alem do seu tempo, para além das opinioens do seu tempo, sente que a sua razão paira muito acima da razão das maiorias.

As maiorias são a mediocridade, o typo medio d'uma dada epoca. O homem superior, sendo o esboço, o embryão, a synthese individual, d'uma epoca futura, não pode furtar-se, de quando em quando pelo menos, a um sentimento de despreso pelos homens, pela massa commum da humanidade, pelas maiorias em summa.

A razão das maiorias é uma força conservadora; a razão dos homens superiores é uma força creadora. As maiorias são a estabilidade, o homem superior é o *perpetuum mobile* do progresso. As maiorias tendem a fixar o estabelecido; o homem superior é uma força de evolução progressiva. A's vezes o conflicto entre estas duas tendencias, uma estagnadora, outra propulsora e genesiaca, estala. D'um lado uma maioria que não póde adaptar-se bruscamente a um estado futuro; do outro lado um individuo superior que não pode amoldar-se a uma epoca que para elle já é o passado. Por isso se comprehende que o homem superior ás vezes seja dolorosamente pesado ao commum [illegible] homens; por isso se comprehende [illegible] hostilidade das maiorias em face [illegible] certos homens superiores.

Ellas defendem-se contra u[illegible]

brusco de evolução, contra um meio social, intellectual e moral, a que não podem adaptar-se ainda. Se as maiorias podessem assimilar rapidamente os progressos gerados pelo espirito creador dos homens superiores, o mundo seria um paraiso e a escala da perfectibilidade humana seria curta e facilima de transpôr.

As maiorias evoluem lentamente, caminham para o futuro e para o progresso devagar, muito devagar mesmo. Para acompanhar os homens superiores teriam de ir em marcha forçada. E as maiorias caminham sempre a passo, com receio de uma passada em falso. Não podem acompanhar os homens superiores, porque se sobrefatigariam. Por isso não admira que, quando certos homens superiores pretendem arrastal-as comsigo, impellil-as vertiginosamente para deante, ellas puchem um bocadinho para traz.

Por isso se comprehende a hostilidade das maiorias e por isso se comprehende tambem que ás vezes ellas sejam para o homem superior penosas e intoleraveis.

Ha homens superiores que sabem que as maiorias não podem caminhar a passo estugado e tranzigem d'um certo modo, que é não perderem a paciencia para esperar. São poucos, todavia. A maior parte esquece-se de que o passo das maiorias é vagaroso e pausado e insurgem-se. D'ahi a sua misanthropia, o desdem pelo seu tempo e o seu despreso pelos homens. E por isso se comprehende que o orgulhoso Zarathustra, o Sobrehomem do poema nietzescheano, abomine por vezes o *rebanho escravo*, esquecido de que esse rebanh[illegible] escravos ás vezes tambem [illegible] Sobrehomem collectivo e [illegible] Sobrehomem-indi[illegible]

Como em todas as especies, o sentido da evolução é esboçado por alguns typos isolados mais aptos, mais perfeitos. Na especie humana esses typos são representados pelos homens superiores. O homem superior é o interprete de certas tendencias dispersas e latentes na massa commum dos homens, como o typo isolado, que esboça a variação util d'uma dada especie, é o interprete de muitos caracteres latentes d'essa especie. Esses «typos de vanguarda», chamemos-lhe assim, são uma synthese necessaria, um poderoso processo de selecção natural para fixar novos caracteres.

A's vezes o conflicto irrompe? Necessariamente: a selecção não se faz sem lucta — e ai dos que triumpham sem luctar primeiro!

* * *

Este conflicto traduz-se na vi[illegible] aggregados humanos pelo choqu[illegible] duas correntes de philosophia social[illegible] a dos que reclamam para a vida das sociedades a supremacia soberana das maiorias, e a dos que reclamam a supremacia dirigente d'uma *élite*.

Mas não nos illudamos. Uma *élite*, antes de vencer, tem de fazer as suas provas. Como? Precisamente, luctando; não evitando o conflicto, acceitando-o.

Senão veja-se: o que é uma *élite*? Uma *élite* é sempre uma minoria. Mas, e isto é de observação comesinha, se ha minorias progressivas, ha tambem minorias regressivas, que pomposamente se julgam [illegible] *élite*.

Ha minorias que [illegible] sociedades [illegible]

germinal e minorias que são uma força esterilisante.

E entre estas duas forças: uma no sentido do futuro, outra no sentido do passado; uma que impelle para diante, outra que pucha para traz: a maioria representa a força conservadora, a que estabelece e garante o equilibrio social.

E, como não ha nada capaz de destruir uma verdade, a minoria progressiva irá conquistando a maioria, irá absorvendo-a e transformando-a no sentido do futuro. A maioria deixar-se-á transformar lentamente, sem ondulaçoens bruscas e penosas, porque esse é o sentido do seu bem-estar.

A natureza, na sua inconsciencia, parece mais sabia do que certos philosophos que julgam possivel o triumpho da verdade e da justiça sem lucta. Deixae que as minorias progressivas sejam vencidas no conflito! O triumpho das maiorias sobre ellas é aparente. No futuro triumpham sempre as minorias; a minoria progressiva nas sociedades que avançam e vivem, a minoria regressiva nas sociedades que recuam e morrem.

E' um conflicto doloroso? E', bem sabemos. Mas console-nos a ideia e a certeza de que não ha selecção sem lucta, nem transformação que não custe a existencia de alguma coisa, e de que todo o progresso humano se faz atravez d'uma entre-lucta para um entre-auxilio.

O direito dos homens superiores, das minorias creadoras, intelligentes e cultas, é proclamar a verdade. O direito das maiorias é discutil-a e valorizal-a pela resistencia.

Surge o conflicto? Bemvindo seja, porque representa o progresso. No fim da lucta, o homem sahirá mais perfeito, terá adquirido mais uma porção de bem-estar, e será senhor de mais um pedaço de Terra-Promettida.

[signature]

SOMBRA

Vi-te uma vez, bem me lembro,
Quando passava na estrada.
Tinhas os olhos enormes,
E uns geitos de namorada.

Que linda! Nem reparaste
Em mim, na melancolia
Que te punha o rosto pálido...
Era quasi ao fim do dia.

Tinhas na tua janela,
Em flor, dois grandes craveiros.
Já a lua branca nascia
Como um ai, entre salgueiros.

Tornei a olhar-te de lonje:
Tinhas os olhos pregados
Nalgum sonho imenso e vago,
Como os céus já mal doirados...

Nunca mais tornei a ver-te,
(Para que foi que te vi?!)
Mais tarde ouvi que morrêras,
[illegible] mais falou em ti.

[illegible]te levada
[illegible]ersos...

Sôbre educação

I

A educação dá a medida da liberdade umana. Todo o educador encontra na sua frente um *dado* irredutível constituído pela erança e pela anterior adaptação. Se nesse dado entram elementos psicolójicos dominadores ou apenas elementos fisiolójicos condicionando, mas não necessitando a vida moral, é um problema que, por agora, afastamos.

E' todavia certo que todo o omem culto possue, além da vastíssima erança do seu passado biolójico, a riqueza duma determinada tradição istórica e da tradição da cultura umana.

Com o omem aparece na vida uma nova forma de erança — a memória da cultura. A erança animal é necessitante e orgánica, inscreve-se no indivíduo em caracteres anatómicos; a erança umana condiciona apenas; sem ser necessitante, inscreve-se na língua, na ciência, na filosofia e na arte. A forma de erança umana mais próssima da erança animal é a tradição relijiosa. Essa, sem inscrever nos caracteres anatómicos do indivíduo os seus dogmas e ritos, constitue pelo seu automatismo mais uma *dressage* que uma educação.

Ainda nela á, contudo, uma certa liberdade, como o demonstra o facto do seu progresso ou antes da sua evolução. E', pois, a educação justificada como forma transmissora das conquistas da cultura umana. Ainda quando a erança sociolójica fosse necessitante, como o é nas sociedades estagnadas, o seu necessitarismo seria apenas de ordem social e não biolójica.

De facto, nas nossas sociedades a educação transmite, *mas seleccionando*, a cultura da raça e da espécie. Ela é, por isso, a medida do alcance da nossa liberdade na determinação do futuro. E' costume dizer-se que uma educação faz um povo e é tambem costume responder-se [illegible]e um povo faz uma educação. [illegible]mbas as afirmações são ver[illegible]eiras. Um povo é um com[illegible] de tradições, portanto de [illegible] de sentimentos. Um

povo é tambem um complecso de aspirações, por isso mesmo que é um complecso de ideias. De forma que, num povo como num omem, á sempre uma dualidade entre a parte do caracter, que é a objectivação do passado, e a parte do caracter, que é a antecipação do futuro. Por isso a educação depende da tradição mental do povo e faz a transmissão e enriquecimento dessa tradição. O progresso umano faz-se por via de múltiplos factores, entre os quais, como diz Tarde, a invenção (prefiro elaboração selectiva) de fórmulas e verdades novas pelos omens superiores e a imitação pela maioria. Dentro desta sintética fórmula a educação será constituida pelo conjunto de processos capazes de darem à maioria as invenções do passado (antecipações do futuro) intencionalmente dirijidas para a construção do futuro. O problema da educação é, pois, o problema de transmissão da cultura. Ele tem tres aspectos. A escolha dos elementos essenciais da cultura — *aspecto filosófico.*

Processos de transmissão dêsses elementos — *aspecto pedagójico.*

A pedagojia tem de atender às leis gerais de psicolojia que lhe fornece os meios e à moral que lhe determina o fim. Esta é pedagojia geral. Na aplicação atenderá às características psicolójicas individuais e à moral prática, que, deixando a virtude teórica, perfeição, etc., olhará à possivel perfeição e virtude de cada educando.

Os factores da educação apresentam o *terceiro aspecto.* São a família, a rua e a escola. Qualquer dêstes factores pode atuar por acção directa ou por *acção difusa,* na feliz expressão do ilustre escritor José de Magalhães.

* * *

A escolha dos elementos essenciais da cultura é um problema em cuja discussão é difícil conservar a imparcialidade serena que é precisa à análise filosófica. Interesses de toda a espécie se conjugam para que se complique e desvirtue a verdade.

Em primeiro lugar os interesses económicos exijindo que a instrução deixe a sua verídica missão de *processo* educativo, volvendo-se em instrumento de imediata e exclusiva adaptação à vida económica. Ela seria sómente um meio de ganhar o pão e por aí se quedaria o seu destino social. Isto é o que alguns chamam educação utilitária.

A' aqui acanhamento e audácia. Acanhamento de orizontes intelectuais e audácia revolucionária. A cultura umana é de facto prática, mas é-o por *surcroît.*

A ciéncia é o prolongamento gigantesco da enxada e da charrua. A filosofia é o complemento da ciéncia. A arte é o prolongamento transformado dos primitivos *tónicos* da acção. A ciéncia responde às necessidades do omem; únicamente as necessidades do omem se espiritualizaram e, de imperiosamente animais e instintivas, se fizeram reflectidas e *discutidas.* Com a ciéncia o omem deixa de ser escravizado ao presente para poder *especular* e *viver* no futuro. A ciéncia é desinteressada. O omem começa a fazer ciéncia, quando deixa o raciocínio emotivo, prático, pelo raciocínio lójico, teórico.

O primitivo pensamento animista, semiador de relijiões, diferenciou-se, dando uma forma de pensamento desinteressad[o] imparcial, que é o raciocí[nio] científico. A ciéncia não corr[es]ponde às necessidades imed[ia]tas da sensação, mas à elab[ora]ção superior, à necessidade *no*[...] de coeréncia e elegáncia lójica. A utilidade imediata desvia a ciéncia do seu fim, que é abstracto e teórico. Por isso a cultura científica não pode ser sujeita à utilidade prática, mas sim, como é a dependéncia verdadeira, a utilidade à ciéncia.

O estudo das literaturas e da istória é quási ou totalmente eliminado por esses utilitários, que se julgam na vanguarda do progresso. E' ainda um êrro.

Abstraindo, por agora, do valor pedagójico intrínseco dêsses representantes da cultura, é ainda imenso o papel educativo das literaturas. A ciéncia resultou, como vimos, dum profundo trabalho de elaboração e teorização. O pensamento umano permaneceu e permanecerá emotivo e prático; o pensamento científico é impessoal, teórico e abstracto. De modo que a educação estritamente científica, desprezando essa parte *viva* do espírito umano, produzirá isolada ou conjuntamente dois

Os Colaboradores d'A Águia

T. de P.

(Desenho de Jaime Cortezão.)

efeitos perniciosos. Ou o pensamento científico se apodera de toda a vida mental e, empobrecendo o espírito, o deforma; ou fica essa parte da alma umana profundamente separada da outra e, estando dum lado a ciência e de outro a Vida, as exijências da Vida produzirão a indisciplina e confusão mentais. Ou o sábio, monstro de gabinete, sem alma, sem amor e sem afectos; ou o omem duplo — lójico no seu gabinete de estudo, prelójico, supersticioso e inconsciente na rua.

Nas literaturas vivem todos os sonhos e aspirações umanas. Todas as experiências de sentimento aí aparecem: a curiosidade *nova*, o amor, o enternecimento, a audácia.

A alma arrastada para a rijidez e secura das abstracções científicas precisa tomar contacto com a vida real, de sorrisos e lágrimas, de amor e sofrimento, de dedicações e eroismos. Que monstruoso omem esse que aí passa ruminando fórmulas e esquecendo a vida!

Se dá alegria e facilidade inlectual saber classificar uma planta, quanto mais não vale poder sentir-lhe a beleza, o inebriamento de perfume, adivinhar-lhe o sentido oculto, as palpitações intranhas!

É tudo isto económicamente inútil, mas tudo isto é moralmente sublime.

A educação deve dar o omem a si mesmo, envolvendo-o de claridade interior; dá-lo à família pelo enternecimento, à umanidade pelo amor, ao Universo pelo deslumbramento e pelo sacrifício. Partindo de si, o omem deve abraçar todo o Universo.

Ser a boca onde todas as dores venham cantar; os olhos onde todos os sofrimentos venham chorar lágrimas de piedade e ternuras universais.

Leonardo Coimbra

O POETA

Os omens são todos cegos, e os s cegos ainda são os que teem .

Ter olhos só — é cegar. Com êles emos apenas a face fria e impassível das coisas.

E o ouvir e o palpar não passam de imperfeições. Que importam o corpo flecsuoso duma árvore, a rijida tenacidade do mármore, os gorgolejos dormentes duma fonte, os ondeios da névoa e os dum busto de mulher?

Que impórta, se lá dentro póde aver tumultos de lava, o delírio dos sonhos, a onda trasbordante do mistério, as asas do anseio divino e os milagres latentes da bondade?

Ver é abituarmo-nos a julgar as coisas pelas aparências: olhar fórmas tácitas, onde murmuram Almas; descortinar um gesto único, onde redemoínham as espirais flamíjeras duma batalha; e entrever um pálido olhar na face da Vida, quando infinitos olhos febricitantes se fitam sôbre nós continuamente.

São as Almas rodeadas de altíssimas muralhas; e ver, ouvir, palpar é multiplicar à nossa roda êsses insuperáveis obstáculos, que das outras Almas nos separam, persistindo sem descanso na emprêsa dos Titãs de acumular montanhas, que desabam continuadamente, sem que atinjam jamais o Céu.

Ver é transpor um muro que nos prendia, e quando já exultávamos numa sonhada liberdade, deparar-senos pela frente uma cordilheira infinita, que nos cerra a passajem.

Ah! pudéssemos nós ver, viver, entrar na intimidade das coisas, e a solidão do Mundo seria de súbito povoada por uma infindável multidão de vidas; em mil faces seriam mil novas expressões; viria o Março ao mais estéril torrão da mais ressequida gleba; de cada misérrimo mendigo surjiria um Jesus disfarçado; e os mistérios todos, um a um, viriam entregar-se na nudez absoluta à posse ansiosíssima da nossa Alma!...

Ah! pudéssemos nós ver para além, mas muito para além da superfície de cada coisa... era abrir os batentes a outras tantas portas dando para novos orizontes, novos céus, pélagos, abismos, onde circulassem rios de nebulosas e de constelações!...

O Mundo é para os nossos olhos um imenso cárcere de mistérios.

Mesmo de omem para omem, quanto mistério não vai!... Numa rua, ao nosso lado, ombro a ombro, podem passar Almas em sangue a gotejar aflição e desespêro, ou transidas de júbilo no ascender perpétuo duma alvorada, ou poluídas com as dedadas indeléveis da vergonha, ou incendiadas de paixões vertijinosas, sem que a névoa duma suspeita sequer nos roce a consciência.

E o mistério que a nós mesmos nos devora?...

A alegria, o sofrimento, o amor que sentimos é só a parcela fugaz, a diluída imajem, o eco, a sombra, a cinza, o luar dum outro júbilo, duma dor bem diversa, dum oculto amor, que do fundo inacessível da nossa Alma envia à superfície apenas o seu reflecso em dúbios e trémulos raios...

A nossa Alma superficial balbucia apenas em galreios infantis o que para a Alma imersa, profunda e transcendente é já a linguajem calorosa e omnipotente da Verdade.

Estes — o comum dos omens, que outro bem diferente é o Poeta.

O omem é o prisioneiro dos seus sentidos, e o Poeta é o que, rompendo êsse cárcere para logo caminha liberto, e paira e voa vertijinosamente num perpétuo, surprêso, extasiado deslumbramento pelo mundo imenso, encantado, pululante de maravilhas, que fica para além dessa prisão. Do fruto da Vida roçam os omens apenas a casca, a epiderme uniforme, enquanto os Poetas cravam os dentes, provando mil inéditos sucos, nas profundidades virjens da polpa.

O Mundo é como a rocha de Horeb, dentro da qual cachoa a água da Verdade e da Beleza, ansiosa por brotar: e os Poetas — o ponto da rocha, onde bateu a vara dum Moisés oculto, para que a água se despenhe em mananciais duma abundância infinita.

Verrier, Newton e Laplace viram sem a luz dos olhos, a distâncias fabulosas, gravitar outros mundos pelo Céu, sentiram-lhes os movimentos e determinaram-lhes as leis; mas os Poetas desvendam, franqueiam outros mundos que estão à nossa volta, sob os nossos pés, ao alcance dos nossos braços, em contacto comnosco, dentro de nós mesmos e que sendo até aí os vedados e lonjínquos paraísos, tornam-se assima abitação comum de todos os omens.

Ser poeta é libertar todas as Almas, é vê-las com o líquido olhar de enternecidas lágrimas, chorando, falar com elas, fazer cânticos sublimes desses tácitos colóquios e entregá-las depois, ao som de ritmos sujestivos, na sua surpresa virjindade, ao coração dos omens, ávido e insaciavel.

A mais que o omem, tem o Poeta — os olhos cândidos duma criança

eterna, o coração dadivoso duma mulher apaixonada, e para compor os seus cantos um lécsicon exclusivo de palavras intrínsecas de sangue, fogo e cristal.

Poeta é o que vê a árvore sem o tronco, a fonte sem a água, a nuvem sem o vapor, o que assiste ao acordar duma semente estremunhada, o que vê o primeiro passo duma Alma que se despenha no Amor, que grita em mil vozes o que os outros apenas balbuciam, que em si realiza os desejos de todos os omens e que adivinha em cada época o filho que a Umanidade cria em gestações de sonho.

Poeta é o que faz dentro de si as novas experiências do Amor e do Mistério, para depois trazer ao Mundo uma mais alta verdade. *Nihil sub sole novum* é a confissão inconsciente duma impotência vaidosa.

Por estranhas vias comunica o omem com o Universo. Poeta é o que reflui sobre si mesmo, e interiorizando-se segue por esses misteriosos caminhos a encontrar-se em fraterna comunidade com tudo quanto na Vida anseia, sonha, grita, murmura, reza e desmaia — árvores, pedras, rios, oceanos e estrelas, para depois indicar aos omens o maravilhoso itinerário e ensinar-lhe a repetir a mesma viajem.

O verdadeiro Poeta é o que nessas abismais imersões vai acender novas estrêlas nos recantos da Alma até então escuros, e volta de lá à superfície, transfigurado, alucinado, com uma centelha de Infinito nos olhos pávidos, para cantar a sua visão numa ebriedade divina.

Canta: e a pouco e pouco, acometidos também de embriaguez, somos levados numa torrente de enerjias que afloram; asas á muito adormecidas partem numa revoada épica; os gritos, as apóstrofes, as invectivas patéticas, os reptos, os apelos frenéticos do Poeta repercutem-se em nós; impelem-nos, em propulsões calafriantes, bandadas de Almas em delírio, até que já de todo presos nesse arrasto vertijinoso atinjimos as culminâncias sublimes, donde todas as coisas ganham um novo e virjinal sentido.

Ser Poeta é confessar a Eternidade, é ter o instinto do Divino, é viver na Beleza imortal, é arder, volatilizar-se, diluír-se num cósmico Amor.

Ser Poeta é despir as palavras e fazer ouvir apenas o que á nelas de silêncio.

Poeta é o que vive na intimidade da Alma e se aquece lá dentro ao fogo do seu lar.

Poeta é o que vibra e canta, que se exalta e se extasia, se desentranha em risos ou em lágrimas ao mínimo sôpro de emoção.

Poeta é o que sente a saüdade de ter sido Deus e o desejo de o tornar a ser.

Eu sou Poeta. Não são os meus lábios que o dizem, porque estão mortos, nem às minhas palavras, porque são esqueletos: é a Vida, que em mim fala seu claro Verbo de Beleza transcendente.

Eu sou a frágua entre mil fráguas da Montanha, que abriu a rude carne em lábios de fonte para matar às outras a sua sêde imortal. Sou o respiráculo por onde o trájico e sepulto incêndio da Vida se atirou em ofegantes labaredas para fundir na sua torrente de fogo e transformar na sua essência o coração dos omens, que é de gelo e pedra.

Quando o meu Deus sôbre mim desce na sua çarça de inspiração ardente, meu sêr comunga o ritmo dos astros, atravessa-o um arrepio de Infinito e Eternidade, e embebido, encharcado, diluído num luar de sonho, sinto afluir à minha boca numa aluvião tempestuosa de gritos, vozes e inos formidáveis, todas as vidas do Universo.

Sim, eu sou e tenho de ser, porque sinto atrás de mim o ruir das catadupas, porque o sangue do meu corpo arde e corre como a chama, porque tenho em mim a enerjia de tudo o que se precipita, a vontade dos criadores, o orgulho dos que se conhecem, a umildade dos que se entregam, o Amor dos que a si mesmos se olvidaram, e porque o meu pensamento é ajil como a asa, a flecsa, o vento, o raio.

Não sou a carne, sou a essência: não sou o lábio, sou o grito; não sou a lenha, sou o fogo; não sou a sêde, sou a fonte.

Sim, eu não tenho fórma, sou a Vida.

Jaime Cortesão.

ROMANCEIRO DAS ÁGUAS

(ESCERTO)

No seio das Florestas e no seio
dos Rochedos nus, a Água é a Vida:
é seiva licorosa e apetecida
por cada ramo em flor, ou tronco, ou veio
de nervura crescente.
E inflando a Rocha
em filões desabrocha
é fonte viva, é límpida nascente.

E, noite dentro, quando
não á império de Omens que a detenha
de quebrar o silêncio da Montanha,
é Água que tumultua
como cega sonâmbula evocando
os Espectros da Lua.

E' o voluptuoso olhar dos olhos de Água
que por Vales e Montes vai cantando
a planta rasteirinha e a dura frágoa.

E quebrado de lágrimas e de alma,
no verbo sensual da noite calma,
é o eco primitivo onde se exulta
a voz dos Omens, a palavra culta.

Sim: foi destes instintos de cantar
como cantam ao lonje os olhos de Água
que nasceu o Ritmo e a saudade e o verso;
e é que as Mães aprenderam a embalar
os filhinhos de berço.

Coimbra.

CARTA PERDIDA

Sim, dizes bem, eu não te sei amar! Porque saber amar—não é assim?—é ter medida nos transportes, calma no desejo, uma moderação cheia de paciéncia e de umildade, uma parcimónia em todos os arranques e em todos os ardores. Saber amar é saber limitar o amor a um quarto de ora de efusão; saber amar é saber restrinjir-se.

Não, eu não te sei amar!... Sinto fogo nas veias quando me enlaças ao peito, sufoca-me uma áncia de te possuir *in aeterno*, de fazer do teu corpo uma posse ininterrupta...

De perto e de lonje, *sinto-te* em mim constante, soberana rainha, senhora dominadora. Desde que te amo, sei que a ausência é uma palavra vã. Não á maneira de estar sózinho. Guardo-te nas minhas veias, na espessura das minhas artérias, no fundo do meu coração. Tenho-te sempre presente em mim mesmo, como se o meu ser se tivesse imbebido do teu ser.

Surpreendo-me a lembrar palavras tuas, a comover-me com a memoria de tais palavras, numa embriaguez de vinho velho. A minha vida é um éco da tua.

De noite, na cama, penso na tua boca, e *vejo-a*, nítidamente a vejo, estendendo para mim os seus lábios sensuais. E penso então: A boca dela tem uma frescura tão grande que me parece um jardim com degraus de mármore e todo regado e embebido de orvalho.

E dentro da minh'alma, da minha pobre alma atormentada, impera, soberana, iniludível, vitoriosa, absoluta, a obsessão da tua boca!

Sim, dizes bem, eu não te sei amar. Amo-te exajeradamente, profundamente, como se ama o sangue das nossas veias e o ritmo da nossa respiração. E' uma sêde exclusiva. E em todo este amor *único* aplico a minha ignorância selvajem, a minha espontaneidade injénita, a minha sêde voraz de te beijar a carne, de fazer minha com os meus beijos a tua carne—a tua carne de sêda e de mármore...

Quando escrevo as minhas cartas, e quando as releio, com os olhos num fulgor de duas estrelas novas, e quando penso comigo mesmo que vão ser agasalhadas no teu seio, que vão aninhar-se entre essas duas redondas taças que o ardor das minhas palavras faz altear e crescer, como um copo cheio de espuma, sinto nelas—nas minhas sinceras, nas minhas desordenadas cartas—o calor vivo do teu corpo e a antecipação feliz dos meus beijos. Quasi que as amo, como aos teus braços, e que as beijo, como ás tuas divinas mãos... Ligo tão estreitamente e duma maneira tão nítidamente e tão *implacávelmente* material o facto de escrever as minhas cartas e a lembrança que vão ser recebidas no teu seio, que sinto ao escrevê-las toda a comoção sensual e toda a olímpica doçura, que é sentir arfar, confessadamente, debaixo dos meus dedos, essas duas colinas de carne branca num estremecimento de montanha sensível.

E quando te vais, depois de uma entrevista apressada, no *nosso* quarto côr de malva, deitando-me de lonje o teu ultimo adeus, ou sorvendo na minha bôca o meu último beijo, fica ainda no ar o teu sorriso, o ardor do teu olhar, o teu perfume, toda a suave transcendéncia do teu ser. Parece que os objectos tomaram alguma coisa de ti e que se banharam na tua alma. Sinto-os *diferentes*, com uma beleza imanente como ensopados numa claridade nova. E tão impregnado sinto o ar da tua pessoa, que tomo consciéncia da tua volatilidade.

Nas paisajens que contemplo durante o dia, léguas distantes de ti, nas estrêlas que palpitam no céu num abrasamento orijinal, no que me rodeia cantando ou que me cerca florescendo, és *tu* que eu vejo, *tu* que eu ligo a todas as coisas, *tu* que eu caso com todas as armonias do Universo, *tu* que eu contemplo em tudo e admiro em tudo. E o encanto—o ambiente encanto que me enche de fervor—é o teu *encanto*, o teu único *encanto* que espalho pelas coisas e que os meus olhos comovidos diluem no Universo.

Sim, dizes bem, eu não te sei amar... Pois se eu amo em ti todo o mundo, não te estou traindo sempre? e é traindo mais que se ama mais?

Queres saber? ontem passei pela tua porta só para sentir a tua prossimidade. Sabia que não chegarias á janela e que não poderia ver-te. Mas que me importava? não me ia eu sentir na zona da tua respiração, viver por momentos na tua ambiéncia? E fui. As janelas estavam fechadas e só numa descortinei uma luz mortiça, muito fraca, uma luz de lamparina alumiando imajens. A suposição de que estivesses ajoelhada diante daquela imajem do Cristo que possuis no teu quarto, tão artística e tão fina, deu-me vontade de ajoelhar tambem sobre as pedras úmidas, desde que ajoelhar é confessar à Vida que a nossa alma está cheia de amor.

De repente vi passar um vulto e pensei que fôsses tu. E essa ideia deu-me um prazer tão grande como se tu tivesses passado na minha própria alma.

Fiquei assim muito tempo, olhando a janela e *adivinhando-te*. Na rua não avia viv'alma; caía uma chuvinha meúda, lenta, umectante e teimosa; no ar transparecia apenas um murmúrio de coisas distantes—ruídos de carros ao largo, imprecações lonjínquas e de quando em quando um latido triste... e a tua casa, entre a chuva renitente, parecia amortalhada num silêncio pesado e numa treva de morte. Mas que importava, se eu sabia que tu estavas *lá*, e que o ar que respirava cá fora talvez te tivesse já banhado os pulmões e deles tivesse saído mais puro, mais animador da vida, mais digno de ser respirado!

Assim fiquei muito tempo, encostado a uma parede, surpreendendo o teu vulto em todas as coisas próssimas... Sobre mim caía uma chuvinha meúda, insistente, e os pontos brilhantes das luzes, no espaço úmido, lembravam olhos lánguidos, molhados, chorando um chôro triste. Mas no meu coração só havia uma grande satisfação platónica e a consciéncia da tua prossimidade.

Os Colaboradores d'A ÁGUIA

C. de C.

(Desenho de Verjílio Ferreira.)

Mas de repente assaltou-me a cruciante ideia de que *tudo* tinha sido sonho... e senti a necessidade impreterível de me certificar, de te ter novamente nos meus braços, de saber que fui bem eu que te possuí, e não a imajem do meu *eu* cheio da tua imajem. Por vezes tenho destas dúvidas crueis. E pregunto a mim mesmo: *Teria sido ilusão?* Meu Deus! Como é triste saber que a prova tem de ficar lonjinqua e que ainda tenho de duvidar!

Se ouvesse uma maneira de me fundir contigo, de formar contigo um outro *ego*, um ser com individualidade própria, se por uma reacção das nossas vontades, dos nossos desejos, dos nossos ardentes amores, eu me pudesse *combinar* contigo! Sabes daquelas reacções em que dois corpos outrora separados, desconhecidos um do outro, seguindo cada qual o seu caminho no Universo, se encontram de repente, acham um destino comum e formam uma nova fonte de enerjia, libertando um calor enorme do seu abraço absorvente e criador? Eu queria esse abraço fundente, penetrante, exotérmico, sentir-me *eu* em ti e sentir-me *ambos* num só! Que supremo orgulho para a Matéria, formarmos o cáos com o nosso abraço, anularmos o nosso *eu* na integridade da nossa posse!

Olha, ás vezes, perto do teu corpo, o mais perto que pode ser, sinto obsessões, atracções dum abismo incognoscível—sinto desejos de me perder em ti...

E não és tu, em todo o caso, a mulher que eu *criei?* Não me deve orgulhar o poder criador?

Sim, tu és a mulher que eu tornei *diferente*, ao sôpro quente da minha paixão; aquela que eu *redimi* e *conquistei*; aquela que é *minha*, minha não só no acto fisiolójico do amor, mas nas suas entranhas e no seu coração.

Fui eu que te fiz, mais de que teu pai e de que tua mãe. Tua mãe trousse-te no seio; eu fiz mais: penetrei a tua vida da minha. Animei-te do fogo sagrado. Modifiquei-te. Tornei-te forte. Dei-te a corajem de te opores. Dei-te o mássimo orgulho. Dei-te o supremo desprêzo. Ensinei-te a rir e a desprezar. Ensinei-te a ser forte na tua pureza, e a ser grande na tua bondade. Dei aço inquebrantável á tua alma luminosa de diamante. Foi uma mulher *nova*, soberana, espléndida, olímpica, que eu criei.

Sim, dizes bem, eu não te sei amar! E's obra minha, não devo adorar a minha obra. Seria vaidade. Seria pecado mortal. Seria mais do que vaidade—seria um incesto...

Mas vem, vem! Eu quero pôr-te com olheiras fundas. Como deves ficar bem com olheiras. Serão alos d'astros nos teus olhos astrais. Vem, vem! Eu quero ver-te com os lábios rôxos. Como te devem ficar bem os lábios rôxos! Imajina como serias bela, com os teus lábios de côr das violêtas... Vem, que eu quero extenuar-te—quero ver como tu deves ficar linda depois de morta...

O quarto está já preparado. No jarro ha já as flores que tu amas. Tenho versos novos para te ler. A cama está já aberta. E parece dizer: *Eu espero por ela!*

Vem, vem, minha amada... Esperaste cinco meses, dirás tu, tambem podes esperar mais uma noite... Mas já te disse uma vez—lembraste?—naquele dia em que cheguei do Algarve: «Cinco meses passam depressa, mas cinco minutos não.»

Vem! vem! vem!

E' ser ezijente, não é, amor?

E' ser sacrílego, ser incestuoso, ser o que tu quiseres, não é certo?

E' amar muito, desejar muito, adorar muito, não é verdade?

Ah! é que tu compreendes—eu não sei, eu não te posso amar... mais.

LÁGRIMAS

I

No mais profundo de mim mesmo existe
Um lonjinquo oceano transcendente,
Que ao sol do Amor, em névoa, de repente,
Se transfigura e exalta e me põe triste.

E porque a formosura só consiste
No Amor erguendo a alma injénuamente,
— Névoa de Amor que aos olhos meus subiste,
— Nunca cesse o teu vôo eternamente...

Névoa de luz profunda ao céu erguida,
Névoa de Deus iluminando a Vida,
— Ei-la em meus olhos roxos de chorar...

E quem me dera a mim poder sentir-te
Contínuamente, — ó Alma, — e possuir-te
A dilatar-me em lágrimas o olhar...

II

Meu Amor: — se eu pudesse dizer bem,
— Tal como sinto em mim —, devagarinho,
Toda a ternura, todo o meu carinho,
Em palavras suavíssimas de Mãe;

Ah! meu Amor, se conseguisse alguem
Contar o luminoso, o ideal caminho
Que vão seguindo as almas, de mansinho,
Extasiadas, pelos céus além;

Se, — mergulhando os olhos no profundo
Oceano da Alma, em Deus, — ao Mundo
Pudéssemos contar quanto avistámos,

Talvez, ó meu Amor, com sinjeleza,
Eu pudesse dizer toda a Beleza
Das lágrimas de Amor que ambos chorámos...

Coimbra, 1910.

Maria de Castro.

JUSTIÇA SOCIAL

Os lavradores caseiros

Nesta sagrada ora da nossa Istória, em que o Povo Português, liberto, emfim! da escravidão e da corrupção monárquicas, principia a respirar e a viver uma vida mais justa e verdadeira, não devemos esquecer as nossas pobres populações rurais, distantes das cidades onde esta nova vida se ajita, curvadas sob o pêso dum trabalho duro que a fome torna ainda mais duro! Os *lavradores* são a parte mais esquecida do nosso Povo, porque vivem lonje do mundo onde se luta e pensa, em perfeita noite medieval, povoada de bruxas e fantasmas e de todas as superstições católicas que os padres, estreitos e bronços, lhes injectam na alma, como se injecta um veneno — nessa alma que, a nu e a limpo, é aquela Alma excepcional, instintivamente naturalista e mística, que criou a Saudade, promessa duma nova *Civilização Lusitana*.

Se o Padre lhes adultera o espírito, o Proprietário arruina-lhes o corpo. A vida económica do lavrador caseiro (arrendatário de prédios rústicos) é desoladora, o que prejudica a agricultura e, portanto, a riqueza nacional. Muito á a fazer para melhorar esta pobre classe de trabalhadores a que está confiada a cultura da Terra.

Vejamos o primeiro passo a dar neste sentido.

Um lavrador, com mulher e filhos, *arrenda umas terras;* para isso, tem de comprar, quási sempre a crédito, as alfaias agrícolas, o sustento de um ano para uma família, sementes, etc. O pobre omem, já endividado por causa duma propriedade de que não colheu ainda o menor lucro, trabalha de sol a sol, durante um ano, cheio de cuidados e canseiras; e no fim dêsse mesmo ano, o senhorio, por um capricho qualquer (porque lhe não deu o voto nas eleições, por se esquecer de lhe tirar o chapéu, etc.,) despede-o. A situação em que fica esta criatura umana que representa uma família, às vezes numerosa, não se pode admitir num País como é oje o nosso — civilizado.

E todavia é facil remediar esta grande injustiça, sem a menor ofensa aos interesses económicos dos proprietários. Basta lejislar que o arrendatário de prédios rústicos não possa ser despedido pelo senhorio durante os primeiros cinco anos, salvo, é claro, praticando o arrendatário os casos previstos no artigo 1607.º do Código Civil, ou deixando de cumprir o que manda o artigo 1627.º do mesmo Código.

O que se impõe, portanto, antes de tudo, para que melhore a situação económica dos lavradores caseiros é alterar o artigo 1628.º do Código Civil, estabelecendo-se que, não *tendo sido declarado o praso do arrendamento, entender-se-á que êste se fizera* pelo praso de cinco anos, salvando-se ao arrendatário o direito de *entregar as terras*, durante este mesmo praso, logo que cumpra o previsto na primeira parte do artigo 1629.º, porque a última parte dêste artigo deve ser tambem alterada, assim como o artigo 498.º do Código do Processo Civil, em armonia com a nossa ideia, e mais lejislação contrária.

Quanto aos arrendamentos por contrato escrito, não se deve permitir que sejam feitos por menos de cinco anos, salvando-se igualmente, a favor do senhorio, as disposições dos citados artigos 1607.º e 1627.º do Código Civil; e para o caseiro, o disposto na primeira parte do artigo 1629.º do mesmo Código, quando as partes contratantes assim o entenderem.

Desta fórma, o arrendatário, que faz grandes despesas quando arrenda uma propriedade, fica talvez com tempo bastante para se indemnizar dessas despesas antes de ser despedido pelo senhorio, o que é absolutamente justo.

Nada mais cruel, repetimos, que a situação dum lavrador com mulher e filhos, endividando-se por causa dumas terras que lhe não pertencem, e das quais é expulso, sem, ao menos, ter tido tempo de reaver o que perdeu!

Eis uma grande injustiça que não deve subsistir numa Pátria redimida que, semelhante a Lázaro, quebrou as tampas do sepulcro!

Defendam-se as classes populares que são o sangue alma do País; o *resto* é uma mixórdia europeia sem caracter, sem pátria, um pouco parisiense e romana, um elemento apenas de dissolução e morte.

Como o Portugal de D. João I, o de 1640, o de 1810, o Portugal republicano só pode e deve contar com o Povo. E o Povo rural e agrícola, a quem a terra oferece a sua mão de Noiva fecunda, depois de educado e libertado, será a base indestrutível duma Democracia rústica e campestre, que á de dar a sua flôr orijinal e eterna, sob a invocação de Pan e de Jesus.

Teixeira de Pascoaes

Exposições de Arte

Exposição de desenho e pintura

Colhemos uma agradável impressão da visita que um dêstes dias fizemos a casa do snr. Júlio Costa, onde se acha instalada a 1.ª exposição dos trabalhos de suas alunas. A par da correcção com que, em geral, foram executados os trabalhos expostos, notam-se apreciáveis faculdades em algumas das jovens expositoras.

Claro é que numa exposição dêste género se não podem estranhar imperfeições e incertezas, e ao fazer-se uma notícia destas deve ter-se sobretudo em vista o estímulo e a emulação daqueles que predicados possuem para se afirmarem.

D'entre as alunas que expõem trabalhos, algumas á que mais saliente lugar no certame ocupam, quer pela afirmação de trabalho e boa vontade, quer mesmo por uma revelação de ábeis qualidades que muito delas permite esperar. Que esta consideração aqui feita sirva para mais estimular essas prendadas senhoras, sem contudo levar às outras a mínima impressão de tristeza e de desánimo.

Dentro dêste critério, avulta em primeiro logar a snr.ª D. Maria Amélia Carneiro, pelo trabalho que produziu, do qual alguns quadros a negro e a óleo se destacam. São tambem muito apreciáveis uns retratos a negro de D. Beatriz Costa, que também expõe uns lindos quadrinhos a óleo, D. Amélia Crispiniano, D. Beatriz Frias, D. Lívia Braga, por um bom retrato de sua irmã e duas telas de suave transparéncia e frescura, não esquecendo umas lindas flores de D. Margarida Ramalho.

Primavera de Deus

Primeira vez que os olhos meus rezaram,
Abranjendo o orizonte, o céu, o espaço,
E em meu olhar estático passaram
As coisas, num fraterno, unjido abraço;

Primeiro verso traduzindo a minha
A'nsia indomável de Beleza e côr,
E primeira emoção, a que adivinha,
Em tudo quanto existe, igual Amôr;

Primeira eterna ora admirável
Em que eu senti meu coração vibrando
Com as coisas, num ritmo inefável,
— Névoa, pedra a sonhar, fonte chorando...

Primeira vez que os braços meus cingiram
Um tronco viridente, ou a emoção
De que meus olhos tristes se cobriram,
Como abraçasse o próprio coração;

E a vez primeira em que na minha fronte,
Na minha alma simples, repoisou,
— Como oração de névoa sobre um monte, —
A consciência clara do que sou;

Primeiro dia iniciado e puro,
— Todas as almas téem alvoradas —
Em que senti as coisas, de mãos dadas,
Caminharem comigo para o Futuro;

Primeira vez em que um sentir profundo,
Num delírio sagrado, adivinhou
Um invisível, transcendente mundo,
— E o silêncio e os mistérios escutou;

... Alma-fraterna que me disse tudo
E me ensinou a olhar e a perceber
A emoção deslumbrada, o sentir mudo,
De rocha ou tronco, ou de alvorada ou sêr;

Primeira vez em que caí de giolhos,
— Postas as mãos, a luz do sol no olhar —
Bebendo a luz divina pelos olhos,
Sentindo a sêde espiritual de amar;

Primeira vez em que chorei de encanto,
Primeira elevação religiosa
Da minha alma, enternecida, ansiosa,
A pressentir em mim o heroi, o santo;

Quando, vivendo em mim profunda a vida,
Em minh'alma vestida de esplendor,
Senti a própria alma renascida,
A aleluia, a anunciação do Amor;

Primeira vez em que na minha Arte,
Nos meus versos, — mãezinha —, te senti,
— Foi um passo que dei a procurar-te,
— Primeiro passo na ascenção p'ra ti!

... Como alguém que subisse a grande altura
E aos poucos fôsse p'ra tocar os céus...
— Que as almas sobem pela formosura,
— Ao Monsalvato onde floresce Deus.

— Deslumbramentos, emoção, bondade,
Foram degraus nesta ascenção de Amor,
— E as lágrimas — que toda a claridade,
— Toda a Vitória é ganha pela Dôr...

Há quanto tempo estava à tua espera?
Que saudosa emoção de uma outra vida,
Me ensinava a esperar a Primavera,
Sentindo a Primavera em mim florida?

Sabes, — mãezinha? — como a flor existe
Na semente que sonha, a germinar,
E a alegria maior num olhar triste,
— Porque ser triste é um modo de chorar;

Como o som no cristal, ansiosamente,
Espera que o libertem, e o granito
Sonha a libertação em luz ardente,
Na instantánea visão dum infinito;

— Assim, mãezinha, — a tua formosura
Desde o Princípio vive em minha vida,
E em ti floresce a minha vida pura,
Em perfeição e harmonia unjida...

Assim já noutras vidas pressentímos
Esta Vida-Maior que oje vivemos,
Já neste Amor outras paisajens vimos,
E outras dores puríssimas sofremos...

Já nos beijámos em crepúsc'los de oiro,
Nos confundimos num etéreo abraço!
— Fomos joias, — Amor —, de igual tesoiro,
— Fomos luz e visão no mesmo espaço,

Fomos seiva num tronco aureolado
Em luz de névoa, em bênção de arrebol,
E o nosso Amor andou transfigurado,
Em beijos de oiro, em luz fecunda, em sol!

Tudo palpita em nós, tudo rodeia
O nosso Amor, — tudo êste Amor nos diz!
— E se quero cinjir a própria ideia,
— Nem eu compreendo como sou feliz!

Coimbra, janeiro — 1910.

Augusto Casimiro

A Escola e a República

Inúmeras vezes se tem proclamado por todas as formas convincentes de divulgação que não á oje, na definida época de civilização em que a nossa vida decorre, nacionalidade que não tenha o determinismo da sua acção e do seu futuro estruturalmente condicionado pela situação moral e material em que a Escola se encontre para preencher o seu fim educativo.

Na Escola se preparam e modelam as gerações que ão de constituir essa nacionalidade e que lhe ão de imprimir a feição que no seu caracter vincou a educação recebida, quer engrandecendo-a e fortificando-a, quer entorpecendo a sua acção, tolhendo toda a iniciativa audaz, convertendo-a, enfim, no marasmo pútrido duma inacção dissolvente, que não pode deixar de redundar, pelo acumulado decorrer dos tempos, num vergonhoso e irremissível aniquilamento.

Sob êste ponto de vista, que a insistência com que á sido repetido tornou já um banal lugar comum, desolador e ao mesmo tempo revoltante é o funcionamento íntimo da nossa vida escolar, regulado ainda, nesta ora alta de audácia e de cultura, pelos infecundos e depressivos princípios que lhe impuseram longos séculos de absurdo predomínio teocrático.

Entristece e indigna, na verdade, o ver como entre nós se tem tratado êste primacial problema. Fazendo da Escola uma delegação do monstro burocrático que tudo absorve e perverte, e subalternizando-a a todas as vilezas políticas ocasionais, o rejime dava-nos assim a formal certeza de que toda a iniciativa racional que a tam degradante situação procurasse pôr côbro seria sistemáticamente combatida e desvirtuada.

E o facto é que todos os esforços nobres de omens cultos que em várias circunstâncias saíam a pelejar em defesa da Escola irremediávelmente esbarravam perante a irremovível má vontade ou a caraterizada impotência do rejime deposto, que parecia apavorar-se ante a revolucionária corrente que pretendia modernizar e emancipar a Escola, intuitivamente prevendo que, de qualquer revolução pedagójica que se operasse, para êle derivariam os mais subversivos efeitos.

Convinha, porventura, a um rejime que possuía, apesar de toda a provada estreiteza da sua visão crítica, a noção instintiva do seu fundamental antagonismo com o espírito do século, que palpava e sentia em tôrno de si e através das ilusórias aparências de fidelidade cortesã, um ambiente de irredutível ostilidade—convinha, porventura, a um rejime assim divorciado da nação, que todos os seus *súbditos* recebessem da Escola, sem sofismas nem amputações, o alimento espiritual que lhes é devido e que fatalmente lhes iria revolucionar as almas até então opressas e cerradas, arrancando-as da adormecida inconsciência da sua ignorância para as ansiadas interrogações da dúvida e do livre exame, e nelas acordando latentes germes de revolta, que, corporizando-se e solidarizando-se, não tardariam a desmoronar todo um sistema, em que então nada mais se veria nem sentiria do que a Iniquidade travestida nos seus mil diversos e torpes disfarces?

Felizmente para todos nós, a situação mudou radicalmente. Derrubadas e para sempre banidas instituições que, além de todos os vícios que constitucionalmente as corroíam, nos afrontavam com o absurdo vexatório em que orijináriamente assentavam, eis-nos, enfim, senão de todo libertos, pelo menos no limiar duma nova e prometedora era, larga e luminosa, que nos permite esperar que melhores e mais felizes tempos para nós de futuro raiarão e que não mais sistemáticamente se inutilizarão os esforços daqueles que, tendo do patriotismo uma noção mais ampla e mais culta, procuram arrancar êste povo do secular atraso em que criminosamente o teem feito estagnar.

A Democracia não tem por si a fôrça. Só pelo Direito pode subsistir, libertando-o de todos os prejuízos que o deturpam, purificando-o e engrandecendo-o, e apresentando-o ao mundo como o mais belo e o mais firme penhor da sua grandeza e do seu prestíjio. É o significado dêste nobre princípio que a República mais precisa radicar, adoptando-o como norma basilar dos seus actos, inscrevendo-o como lema superior da sua acção e fazendo-o amar dos omens como o ideal mais perfeito e que mais estreitamente os deve a todos unir.

Ora, esta elevada noção, principal razão de ser duma democracia, só pode ser difundida e radicada pela Escola, erguida à prestijiosa altura da nobre missão educativa que a civilização lhe incumbe.

É, pois, na Escola que a República encontrará a mais perfeita e sólida garantia da sua estabilidade. Mas, para que ela corresponda a êste ideal, para que êsse *desideratum* se atinja, de urjente e palpável necessidade é reformá-la completa e radicalmente, refundi-la *de fond en comble*, do primeiro grau de ensino primário ao último de ensino superior, estirpando-lhe o espírito jesuítico que a deprime com os seus vícios seculares, emancipá-la, odiernizá-la, fazer dela a mais preciosa alavanca do nosso rejuvenescimento moral, intelectual e físico.

Entre nós, a acção da Escola quási se limita a ficsar noções fragmentárias e dispersas, pondo em jôgo primacialmente a memória, quási deixando inactiva a intelijência. E outro erro gravíssimo ainda é limitar a função da Escola á aquisição mais ou menos racional, mais ou menos extensa, destas ou daquelas noções, deixando absolutamente de parte a educação da vontade e a formação moral do caracter do aluno.

São bem evidentemente os perniciosos efeitos da intromissão de elementos reaccionários na educação da mocidade.

É bem sabido que para tais elementos toda a rebeldia individual é criminosa, e que o seu ideal educativo seria a raspajem de todas as arestas que marcam as individualidades distintas, a submissão apagada de todas as vontades às determinações supremas e uniformizadoras da disciplina. Mas o nosso ideal é diametralmente oposto.

Queremos vontades que se afirmem, individualidades que se não dissolvam em subserviéncias degradantes e que a todo o momento gritem bem alto o clamor da sua justiça, não permitindo o menor ultraje ao património sagrado dos seus direitos e, conscientes e altivos, combatendo intransijentemente todas as sofismações da Verdade.

Eis o que é mister e urjente fazer-se. Não pode separar-se, na Escola moderna, a instrução da educação, que mútuamente se completam e uma na outra se integram.

O que é preciso, acima de tudo, é mudar radicalmente o espírito e o ideal da Escola. Preparar para a Vida, criar omens verdadeiramente aptos para com ela se defrontarem em todas as circunstáncias e de todas as con tinjéncias saberem triunfar, fortalecendo e estimulando a vontade individual, desenvolvendo a intelijéncia e munindo-a de noções úteis à perfeita compreensão da vida, criando e enraìzando a noção de carácter, sem a qual não á homem verdadeiramente digno dêsse nobilitante qualificativo, eis aí uma vasta e bela obra a empreender, de que á de sem dúvida sair uma pátria nova, que bem mereça ocupar um lugar onroso entre as nações que mais a peito tomam o problema educativo, como condição essencial do seu progresso.

Desempoeirada, assim, a Escola dos mil prejuízos que a enleiam e pervertem, liberta das erróneas noções que ao seu funcionamento teem presidido, e convenientemente refundida a educação intelectual e pedagójica do professor (sem o que toda a tentativa de modernização resultaria estéril) surjirá, emfim, dos escombros dêsse passado para sempre sepulto uma nova pátria, dentro da qual caibam todas as aspirações nobres de trabalho e de progresso, e cuja felicidade e grandeza sobretudo derivarão do seu culto pelo Direito e da alta e clara compreensão do seu papel nos destinos da Umanidade, em cuja evolução o seu esfôrço consciente necessáriamente se integra.

OS GRANDES MORTOS

O músico EITOR BERLIOZ

Quando, aos 19 anos, Eitor Berlioz foi para Paris estudar medicina, eram bem rudimentares os conhecimentos de técnica musical de quem ia, em breve, fazer na música uma assombrosa revolução; solfejava, quando muito, e tocava... viola, mas levava consigo a maravilhosa intuição do génio.

Nascido a 11-12-1803

(Desenho de Jaime Cortezão.)

Estava-se em pleno romantismo. Era a época das emoções, das lutas, dos furores, dos arrebatamentos, da dedicação, sem limites, à arte. (Teófilo Gautier.)

«*Les mères inquiètes avaient mis au monde une génération ardente, pâle, nerveuse..................... les esprits exaltés, souffrants, toutes les âmes expansives qui ont besoin de l'infini plièrent la tête, en pleurant; ils s'enveloppèrent de rêves maladifs et l'on ne vit plus que de frêles roseaux sur un océan d'amertume*». (*A. Musset. Confession d'un enfant du siècle)*..... e Berlioz foi bem a encarnação do seu tempo. Essa estranha vida que os escritores representavam nas suas obras, viveu-a êle.

Desde os 12 anos que o amor o lança na exaltação e no sofrimento, e essa *dolorosa loucura do amor* acompanhá-lo-á até ao leito de morte.

«*Le vertige me prit et ne me quitta plus.*

Je n'esperais rien,..... je ne savais rien, mais j'éprouvais au cœur une douleur profonde». (Memórias, tômo 10.)

Estudante de medicina por imposição do pai, confranjia-se. Orrorizava-o a ideia de que ia dissecar cadáveres, ver operações *mor, zuosas*, e ouvir o estertor do *avoir pas*tes, êle que já sonhava *sse tant aimquitter l'empyrée pour loven, ou Shakespours de la terre!» t aimé peut-être.*

Essa onive *ne m'en console pæ*rdo,

realizar-se, quando Berlioz, que *nunca pusera os pés numa sala de espectáculo,* caiu, uma noite, em plena ópera.

Não era ainda Glück, eram as *Danaides* de Salieri; mas a pompa e o brilho do espectáculo, a marcha armoniosa da orquestra e o talento *patético* da principal intérprete (a célebre M.me Branchu) levaram àquela alma de entusiasta ardente uma grande perturbação.

«J'étais comme un jeune homme aux instincts navigateurs, qui n'ayant jamais vu que les nacelles des lacs de ses montagnes, se trouverait brusquement sur un vaisseau à trois ponts en pleine mer.

Je ne dormis guère, on peut le croire, la nuit qui suivit cette réprésentation et la leçon d'anatomie du lendemain se ressentit de mon insomnie».

Ressentiu-se, e para sempre, porque a O'pera será desde então a sua obsessão.

A anatomia ser-lhe-á odiosa e passará, oras inteiras, *à tarde,* a reflectir na triste contradição entre os seus estudos e as suas aspirações. (Memórias, 1.º volume).

A O'pera fascina-o. Volta uma, ... muitas noites. A sua exaltação é indescritível. Lê biografias de músicos; lê a biografia de Glück, apaixona-se por Glück e detesta Piccini. Sente uma antipatia profunda pelos italianos e compraz-se em fazer ir pelos ares, na sua imajinação, o Teatro-italiano.

Que conhece de Glück, contudo, êsse jovem entusiasta?....... a biografia. Mas Glück exerce no seu espírito uma atracção inesplicável; é um impulso misterioso que o leva para rejiões do desconhecido que êle, com a intuição do génio, *pressente* luminosas.

A biblioteca do Conservatório está aberta a toda a gente e lá poderá estudar as obras de Glück, dizem-lhe, e Berlioz não resiste. Entra no Conservatório para nunca mais voltar á Escola de Medicina. A sua educação é miserável, mas a sua vontade é sobre-umana. Lê e relê as partituras de Glück, quer e compreender, e consegue-o!

Mas não se contenta em lê-las; decora-as! Glück faz-lhe perder o sono; esquece-se de comer e de beber; *delira.* N[illegible] dia em que vê, enfim, no car[illegible] *[illegible]ia em A'ulida,* a sua co[illegible] ao estrêmo: *«mes geno[illegible]t à trembler, mes dent[illegible]ouvant à peine me [illegible] dirigeai vers mon hôtel, saisi d'une espèce de vertige»* e à noite ao sair da ópera, sob uma emoção esmagadora, jura que será músico, seja-o, embora, contra pai, mãe, tios, tias, avós e amigos. (Memórias, tômo 1.º, capítulo V.) Este juramento vai custar-lhe provações eroicas, mas anima-o o *fogo sagrado.*

O culto da música torna-se para êle um culto divino e nisso é fanático. Gasta na O'pera a sua magra mesada de estudante. As representações são *solenidades* para que se *prepara,* pela leitura e pelo estudo febril das obras que vai ouvir. Com alguns *habitués* da geral, forma o grupo dos fanáticos. Reanima o fervor da *seita «par des prédications dignes des saint-simoniens»*

A sua ânsia de proselitismo vai até pagar os lugares dos tímidos e dos indecisos e leva-os ao teatro, de vontade ou... á fôrça!

São os *seus omens;* recomendalhes que cheguem cedo e escolhelhes os melhores lugares que variam para cada ópera, e até para cada cenário.

Tira então do bolso o *libretto,* e, antes de subir o pano, lê e comenta o assunto; canta a seguir as passajens mais salientes, esplica os processos de instrumentação e *«fanatise d'avance ses ouailles (Edmond Hippeau: «Berlioz et son temps»).*

Aplaude com frenesi coisas belas em que mais ninguem repara, ou invectiva os atentados que músicos e cantores cometem, alterando as obras do *mestre.*

Quem se atreve a emendar Glück? E' um doido que causa escándalo!

Belo e santo entusiasmo de que os *filisteus* se rirão, mas que alguém comoverá.

Podia este omem *abrasado* no fogo da arte deixar de vir a ser um grande artista criador?

Não é faculdade maravilhosa do génio transpor o insuperável e seguir o seu destino?

Mas Berlioz teve de transpor, na verdade, o insuperável.

Conselhos, suplicas, admoestações, ameaças de seu pai, que êle, no entanto, amava muito, encontram-no inabalável. E'-lhe tirada a mesada e ele faz-se corista num teatro de opereta, para não morrer de fome. O seu espírito é já um vulcão, mas quando em breve se lhe revelarem Weber e Beethoven, ao mesmo tempo que Gœthe e Shakespeare, aquele espírito, bem grande, sentir-se-á *cheio.*

« C'était le temps des grands enthousiasmes, des grandes passions musicales, des longues rêveries, des joies infinies inexprimables».

Ineisprimíveis por palavras, mas na música *sente* êle a sublime linguajem dos sentimentos e das paixões.

Vem-lhe então a necessidade imperiosa de por sua vez compôr óperas, compôr sinfonias, e tem a certeza de que fará coisas belas, arrebatadoras, mas, facto doloroso, reconhece que não sabe escrever.

Momentos de angústia, mas não de desánimo. *Aprenderá,* e entra no Conservatório. Quere começar pelo fim e vai para o curso de composição de Lésueur; dizem-lhe, porém, que não sabe fuga e contraponto, nem mesmo armonia e que é indispensável aprender isso. Berlioz estuda com entusiasmo, porque tem pressa de *ser músico,* mas reconhece, em breve, a chateza das formas convencionais e das *«teorias antediluvianas»* (memórias) e indispõe-se com os professores que viam nêle um *irreverente.* Concorre ao prémio de composição e é eliminado nas provas preparatórias de fuga e contraponto, e só depois de concorrer quatro vezes, obtém, aos 27 anos, o desejado primeiro prémio que êle só queria por ser a sua consagração como músico perante a família e o subsídio do govêrno para viajar na Itália e na Alemanha.

A' muito, todavia, que rompeu com o ensino oficial. Os seus mestres são Glück, Weber e Beethoven e os seus inspiradores: Verjílio, Gœthe e Shakespeare! que emoção! e que paixão tumultuosa lhe inspira Miss Smithson, a *fair Ophelia* que a seus olhos incarnava o génio do poeta!

«Mélancholie, affliction, frénési e enfer même, elle donne á tout je ne sais quel charme et quelle grâce!»

Esse amor é um grande e sublime momento na sua vida. « O mais belo fenómeno que se conhece no romantismo vivido» *(Julien Fiersot).* A exaltação daquela alma em que tudo era tão grande, chega ao parocsismo. Erra pelas ruas de Paris, foje pelos campos, passa noites á beira do Sena gelado!

As suas meditações são negras, sente despedaçar-se-lhe o coração, e na sua vida, como na de Hamlet, á lágrimas, á luto, á catástrofes! Mas dessas catástrofes sai um artista divino e uma obra prima sem precedentes: a Sinfonia-Fantástica!

Berlioz é já mestre, e que mestre!

Os *moldes* de Glück, de Weber e de Beethoven possui-os êle, não para os imitar, não para os copiar, mas para fazer os *seus.*

Êle não é o omem de *«métier»,*

não sabe os *trucs,* não toca piano, não recebeu a *preparação* consagrada e isto orroriza os sábios.

Mas é o génio, a intuição, o entusiasmo, a espontaneidade.

Abriu-se para a Música uma nova era e uma nova Arte, insólita e inesperada, e Roberto Schuman, o sombrio, o pessimista Schuman dirá: «é belo e excede Beethoven».

Ah! Mas êle fala com eloquência divina, e a sua geração... balbucia. O *profanum vulgus* quere cavatinas e Berlioz *nesse jardim povoado por macacos, a que chama a bela Itália,* pouco pôde colher.

Ele defende a causa do Romantismo, êle é o maior dos románticos, mas os seus irmãos não o compreendem; pintores, escultores, e músicos são *rossinistas.*

A educação musical dos literatos é baixa.

Musset é um *dilettante* furioso do Teatro-Italiano e Gautier escreve: «*La musique est de tous les bruits le plus couteux et le plus desagréable*»!!!

Na Alemanha tem soberbas oras de triunfo. *Romeu e Julieta,* as *Cenas do Fausto,* a *Sinfonia Fantástica* despertam um entusiasmo louco; aplausos intermináveis, abraços, lágrimas, batutas de prata que os seus músicos lhe ofereceram, cartas e coroas enviadas por mãos desconhecidas. Mas as oras de triunfo não compensam as da amargura.

Paris vê nele um homem estraordinário, sim, mas doido, paradocsal. E afinal, Paris tinha razão; êle não era ómem de seu tempo, êle nascera cinqüenta anos mais cedo, êle era ómem paradocsal na verdade. A sua instrumentação é guiada por um instinto misterioso e os seus processos escapam à análise, diz Camille Saint-Säens, porque não ezistem; *les instruments paraissent disposés en dépit du sens commun; il semblerait pour employer l'argot du métier que cela ne dût pas sonner et cela sonne merveileusement.*» (C. Saint-Säens — *Portraits et Souvenirs).*

Paris acolhe com *desdém* a *Condenação de Fausto,* que cai *miserávelmente!* Como isto oje nos parece bárbaro, monstruoso, infame!

Aquela soberba *Introdução,* o *Côro da Páscoa,* a *Cena das marjens do Elba,* o admirável *final da III Parte,* a *Balada do rei de Tule,* a *Invocação à natureza* não eram ainda música sublime!?

Um abismo profundo separa então os nossos sentimentos dos daquela época e dir-se-ia que aqueles omens

Os Colaboradores d'A ÁGUIA

J. L.

(Desenho de Verjílio Ferreira.)

não foram nossos ascendentes imediatos, mas abitantes duma China primitiva n'um planeta remoto.

A *Condenação de Fausto* é acolhida com desdém e Berlioz que nela pusera todo o seu génio sofre um golpe profundo de que não mais se restabelecerá. Passa pela sua alma uma tristeza mortal. Está pobre e cheio de dívidas, porque, para editar e fazer ouvir as suas obras foi preciso gastar muito dinheiro, e elas só endividaram.

Sua mulher, Enriqueta Smithson, a que fôra a *fair Ophelia,* está paralítica incurável; seu pai, que êle amava muito, morre e nesse longo período de desolação Berlioz só pode escrever a *Marcha Fúnebre de Hamlet,* em que põe por epígrafe estes versos de Ovídio:

Qui viderit illas
De lacrymis factas sentiet esse meis.

A suave *Infância de Cristo* traz-lhe depois um sucessso, mas Berlioz acha-o *calunioso* para o resto da sua obra, e finalmente a queda estrondosa dos *Troianos,* seguida da morte de seu filho único, é, pode dizer-se, a causa da sua morte, porque Berlioz sucumbiu a uma neurose gastro-intestinal, filha sem dúvida de uma neurastenia. As suas últimas palavras são um grito de descrença: «Tudo me é indiferente».

A acção de Berlioz na música sinfónica nenhuma outra tem que a iguale.

Chamou-se a Wagner o músico do futuro e é curioso ver o que o futuro responde.

Contra o drama wagneriano acentua-se uma reacção muito viva e não deixa de ser interessante que do Wagner, reformador do drama musical e a quem chamaram *génio essencialmente dramático* vai ficar o sinfonista, figura bem acentuada, sem dúvida, collossal, mas que, não é menos certo, proceda de Liszt e de Berlioz.

Noutra ordem de ideias, um dos maiores músicos vivos, Camilo Saint-Säens tem uma opinião mais radical sôbre a influência que Wagner e Berlioz virão a ter na música do futuro.

Desde que João Bach, diz Saint-Säens, fez triunfar a enarmonia com o *Clavecin bien tempré* as formas da arte foram renovadas, mas êste triunfo é baseado numa *eresia* e á de cair.

Que ficará então da música actual? pregunta Saint-Säens, e responde: «Talvez só Berlioz, que não sabia piano e tinha um orror instintivo pela enarmonia; e nisto é êle a antítese de Ricardo Wagner, a enarmonia feita omem!

Em Berlioz, o músico é pois digno de uma admiração escepcional e dele e da sua música podemos dizer o que êle disse de Beethoven: «é a música de uma esfera superior.......... ...um Titan, um arcanjo, um trono, uma dominação; podia e devia mesmo ter parafraseado a apóstrofe do Evanjelho e dizer: omens o que á de comum entre mim e vós?»

Mas, em Berlioz á que admirar o crítico, o primeiro crítico musical da sua época sem contestação, diz C. Saint-Säens *(Portraits et Souvenirs),* o prosador finíssimo duma elegância perfeita e de uma graça ineiscedível.

Os seus sete volumes de crítica, de viajens, e de memórias, e os dois volumes de correspondência íntima, bastariam para fazer uma reputação literária.

O seu amor à arte foi grande e puro e pelos seus pais, Glück, Weber, Beethoven, Gœthe, Verjílio e Shakespeare teve sempre um culto terno e comovente.

A' na última pájina das suas *Memórias* estas palavras: «*Il faut me consoler de n'avoir pas connu Virgile, que j'eusse tant aimé, ou Glück, ou Beethoven, ou Shakespeare ... qui m'eût aimé peut-être... Il est vrai que je ne m'en console pas!!*

Na primeira pájina dos *Troianos* escreve: *Divo Virgilio,* e quando um dia a orquesta do príncipe de Hohenzollern ezecuta majistralmente *Romeu e Julieta,* que o mestre de capela do príncipe esclama «não, não, nada á mais belo» que a orquesta se levanta arrebatada e que estala um aplauso imenso, Berlioz em eistase vê luzir no ar o olhar sereno de Shakespeare e diz baixinho «*Father, are you content?*» (carta a Humberto Fernand, de 9 de maio de 1863).

Oje Berlioz está em plena glória, mas o futuro há de proclamá-lo a mais bela e a mais caraterística figura de artista do seu tempo, o mais digno de ser amado. Genial como músico, sim; mas a música era apenas a linguajem natural da sua grande alma, dessa alma em que tudo foi estremo: amor e ódio, alegria e tristeza; que sofreu, até ao fim, dores cruciantes e ineiscedíveis, mas que conheceu eistases ignorados; que chorou lágrimas amargas de tristeza e chorou lágrimas duma alegria inefável.

E essa alma, tão grande como era, ficou-nos para sempre nas suas obras.

João da Silva Figueiredo

A COMUNHÃO DOS POVOS

Águia:—Alma,—és o Sonho imaculado e grande,
centro eterno da Vida esplendurosa e bela.
Tu, por quem tóda a terra e todo céu se expande,
e a sombra se faz luz, e a luz se faz estrêla!

És o flúido que sobe ao infinito, e desce,—
como o aroma dum lírio e a doçura dum canto...
—Lágrima, riso, beijo, áncia, saúdade, prece,
tudo o que a vida tem de dolorido e santo.

És a umana razão,—consciéncia e sentimento,—
pérola, ninho e flor, grão de areia e universo!
És o rumor da folha—á ajitação do vento!
És o rumor do beijo—ao embalar do berço!

Fizeste a guerra, eu sei; fizeste a dor, embora!—
tambem fizeste quanto ideal e belo existe!
Foi assim que da Noite ergueste o vôo á Aurora!—
Foi assim que do Instinto á Consciéncia subiste!

Mares ao lonje, as naus de velas desfraldadas,
acendendo o Santelmo á vibração dos mastros,
almas que um dia á gleba eu vira condenadas,
noutro via-as subindo em resplendores d'astros!

Vi o pranto de Sparta, á pressão das aljemas,
enxugar-se no rosto onde negro corria,—
ora á fúria ultriz das cóleras supremas,—
ora á chama do amor que as almas acendia...

Amor do Bem, amor de Justiça, sublime
e nemorosa paz cobrindo mundos novos...—
Sobre o solo, onde só frutificava o Crime,
frutifica o ideal da comunhão dos Povos!

Guarda.

José Augusto de Castro

As côres da bandeira

A artistas portuenses nos dirijimos, pedindo suas opiniões sôbre as côres da bandeira. Eis as respostas de alguns:

De **António José da Costa:**

Como arte, não gosto do *verde e vermelho* para a bandeira. O *azul e branco* é que me agradam. Estão estas côres condenadas pela orijem?—Em tal caso prefiro a côr ou côres da bandeira dos nossos grandes descobridores, que, creio, era toda branca.

De **Cándido da Cunha:**

Acedendo ao pedido que nos é feito pela revista *A Aguia* para emitir a nossa opinião sobre as côres a adoptar na nova bandeira nacional, diremos que, sob o ponto de vista estético, a mais feliz combinação de côres em bandeiras até hoje adoptadas é a do azul com o branco: porque ao seu simples valor associativo, de evidente simpatia, acresce o facto de sôbre essas cores se harmonizarem e destacarem com nitidez quaisquer emblemas nelas sobrepostos.

As côres vermelha e verde, adoptadas provisóriamente na atual bandeira da República não nos parecem, artísticamente, muito acertadas, porque da justaposição dessas côres, dadas as *nuances* escolhidas, resulta uma sensação de tristeza. Mas, se razões de ordem istórica impõem a escolha das côres verde e vermelha na nova bandeira nacional, parece-nos que o melhor, para harmonizar as opiniões, seria separar essas côres pelo branco que, neste caso, também póde admitir-se como símbolo da paz, ficando assim a nova bandeira portuguesa de melhor efeito e mais luminosa.

Cumpre declarar que, restrinjindo ás côres da futura bandeira nacional a nossa opinião, a colaboração dos artistas pouco influirá no bom éxito do assunto, pois que da composição total as próprias côres à primeira vista incompatíveis produziriam efeitos variados e imprevistos.

De **Júlio Costa:**

Acedendo ao convite para o inquérito, sobre as côres da nova bandeira portuguesa, aberto pela *Aguia,* direi que, achando a bandeira da revolução —verde e vermelha—bem, queria a bandeira da Pátria azul e branca.

De **Júlio Pina:**

As côres azul e branco são belas, doces e ideais, lendo-se nelas o nosso amor, sentimento e caráter, sendo incomparavelmente as únicas côres mais lindas, mais sujestivas e que mais traduzem a alma portuguesa.

Acho-a inconfundível, entre todas as outras bandeiras.

O azul e branco da nossa bandeira são côres tão portuguesas, tão nossas e nasceram tanto comnosco, que dir-se-á que a nossa alma é composta das mesmas côres, assim elas comparti-

lhām de nós, como duas irmãs muito ternas e santas.

. . . .

As côres verde e vermelho, embora tenham a sua significação istórica, acho-as cruas, frias e incompatíveis com o temperamento e sentimento português.

Em relação ao todo geral, ou emblema da bandeira, sou do mesmo pensar do nosso glorioso poeta Guerra Junqueiro.

Um simples alvitre: não se poderia possuir as duas bandeiras? a verde e vermelho, como símbolo da Revolução; e a azul e branca, como símbolo da nossa Pátria querida?

De **João Augusto Ribeiro:**

Acedendo, de bom grado, ao desejo da redacção da nova revista *A Aguia*, emitimos o nosso parecer individual acêrca das côres da bandeira portuguesa a adoptar com a implantação da República.

As côres da antiga bandeira nacional, azul e branca, manteem ainda, pelo que observamos, uma larga simpatia; entre os adeptos destas incluiríamos o nosso nome se razões de ordem moral muito ponderáveis não impusessem uma modificação no símbolo da nossa Pátria rejuvenescida.

A bandeira verde e vermelha, tal como a vemos flutuar nestesd ias de triunfo democrático, desagrada-nos como solução estética; porque devendo em todos despertar um puro sentimento de regosijo, tal associação cromática sujere, pelo contrário, uma impressão material de aniquilamento.

Condenamos, em geral, na composição duma bandeira, o emprêgo de tons compostos, como o verde, o violeta e o alaranjado. As côres primárias ou fundamentais, a azul, a amarela e a vermelha, deveriam constituir únicos elementos de arranjo, definindo, pela sua disposição apenas, uma tendência ou um ideal. Para que essas côres, agora justificadas pelos acontecimentos, possam prevalecer de acôrdo com as leis da óptica artística, é indispensável uma certa medida na sua intensidade e na precisão espectral. Que a uma determinada *nuance* vermelha corresponda rigorosamente a respectiva complementar, verde, uma gama clara, vibrante, equilibrada de que resulte uma luminosidade subjectiva reveladora do progresso e da vitória. Ou isto, que a ciência expressamente impõe, ou então, desde que as côres em vigor subsistam, o intercalamento do branco como moderador de dissonâncias inevitáveis.

De **Joaquim Vitorino Ribeiro:**

A meu ver, uma pátria nova deve ter tambem uma bandeira nova—com as verdadeiras côres que a simbolizam. Por isso a vermelha e a verde são as mais próprias. Só necessário é, porém, encontrar entre elas ap erfeita armonia dos tons.

De **Júlio Ramos:**

Sob o ponto de vista estético prefiro o azul e branco. O vermelho e verde, sem outra côr intermediária e uma disposição diferente das que teem aparecido até hoje, não podem, a meu ver, formar uma linda bandeira; mas, se me pregunta qual delas deve ser escolhida, dir-lhe-ei que nem uma nem outra. A minha opinião é que seja aberto concurso entre artistas portugueses para se estudar uma bandeira completamente nova, acabando, assim, com opiniões partidárias que sacrificam, o mais das vezes, o bom gôsto e o bom senso às suas ideias apaixonadas, e evitando que se prolongue por mais tempo esta indecisão na escolha da futura bandeira da Pátria.

De **Teixeira Lopes:**

Sou de opinião que devíamos conservar o azul e o branco; acho que são as crôes mais harmoniosas, mais alegres.

Junqueiro deu um plano admirável para essa nova bandeira e nós devíamos segui-lo sem alterar nada. Por cima do escudo, em logar da coroa, um aro de estrelas seria lindo e novo.

BIBLIOGRAFIA

A Aguia propõe-se organizar um rejisto bibliográfico, tão completo quanto esteja em suas forças. A editores e autores recomendamos esta circunstância, certos de que não deixarão de nos aussiliar.

—Recebido o livro de versos, *Para a Lucta*, de José Augusto de Castro. No n.º 2 se apreciará.

A asneira nacional

Teatro

Três profissões á nesta boa terra a que a estupidez nacional arbitrou as seguintes caraterísticas fundamentais: não saber ler nem escrever; cuidar pouco o caracter e não ter em grande pêso a dignidade. Teem por nomes as ditas profissões:—actor, professor e jornalista. A todas daremos um ar da nossa atenção.

Agora, e por maior oportunidade, olharemos sôbre a primeira.

Actor!... Diz-se a palavra e já nem sequer sabemos dar-lhe o significado próprio. E' actor o palhaço ridículo que só trabalha para fazer rir o público anónimo? E' actor a criatura repelida de todos os misteres que nos palcos entrou primeiro nas amorfas massas corais e depois foi *subindo* até o invejado galã, ou o antipático cínico. E' actor o peralta enfatuado que tudo olha das suas olímpicas alturas, com o desprezo peculiar ás reputações *bera?*—Sabe-se lá.

Na simplicidade rústica da natureza, tão bem representada nos soalheiros sadios dos campos, o mais ignorante cavador sabe que dum burro não pode tirar um cavalo, como dum gato não pode fazer um furão. Conhece aperfeiçoamentos de raças, mas dentro das suas condições limites. Estuda-lhes a forma de alimentação, a melhor maneira de cruzamentos—mas não tem destes desvarios:—vamos fazer deste camelo uma jirafa!—A bondade injénita dá clarões de bom senso.

Cá, nestes desvãos da sociedade podre, tudo anda de forma contrária. Dum sapateiro, que no seu ofício era um mestre e um onesto, faz-se um actor, imbecil, prejudicial e sem a onradez dum trabalhador conciente. Dum trolha, dum polícia, dum varredor municipal, todos escelentemente nas suas profissões, tiram-se jornalistas e professores... a falsearem a opinião e o ensino.

Tem de ser, pois, bem dissolvente a influência de tais entidades nos tres fundamentais esteios da educação dum povo: o teatro, a instrucção e a imprensa.

Olhemos para esses palcos portugueses. Que nojo e que desolação! Nem vale citar nomes.

—E' o público que não está apto á boa Arte, ao bom teatro?—Não pretendamos imbecilizar-nos a nós mesmos. O público está apto para tudo quanto é grande; esses autores que por aí negoceiam peças é que nem para público estão aptos.

Jornalistas...

É o caso do teatro. É jornalista toda a gente; como é professor todo o *ilustre* nulo. E o resultado vê-se, nesses jornais de toda a espécie. Meia dúzia de bons escreventes não salvam a grande massa. E as folhas mostram o retrato fidedigno e flagrante das mazelas de quem os faz. Porisso mesmo são coxos e sem sumo.

¿Protestam, *eminentes* carapuceiros?—Pois, venham de lá os idiotas, que certamente os outros, os dignos, sabedores e onestos, nos aplaudirão.

Professores

É o terceiro mandamento da nossa cartilha irreverente. Ninguém á que não ensine, e sempre—coisa notável—tudo o que não sabe. Até são mais que bachareis os professores d'oje. Depois, vendem-se ridìculamente em leilão:—Quem dá mais?...

E o estudante buzina:—Quem ensina por menos?... E o professor, convencido de que êsse menos ainda é de mais, muito de mais, para o nada que sabe—faz por menos. (Claro está—: ignóbilmente).

—E os bons professores?—Coitados, morrem á fome...

Os «filósofos» jornalistas

E' uma praga a chusma deles. Repelhudos e atrevidos, serpeiam a todos os cantos do jornalismo, proclamando assombros. Tanto descobrem ser o omem um animal de ábitos, como baptizam Tolstoi de antípoda de Nietzsche, como á lei do divórcio chamam amor livre! *Geniais* ao mássimo, teem o privilèjio da suprema asneira. Só lhes falta entrar—e não tardará—na Academia das Ciências... *A Aguia*, se lhe é permitido, dá o seu voto.

Irremissivel

A cena é de májica. Pega-se num jornal a fazer de palco, enfia-se para dentro dum alçapão um qualquer Fernandes Lopes, bate-se um martelo numa prancha metálica, o diabo dá um silvo—e sai, por entre espessa fumarada, um sábio mais sábio que todos os sábios, um filósofo mais filósofo que todos os filósofos.

E desata a gritar:

—José Sampaio é «rei só em terra

Os Colaboradores d'A ÁGUIA

V. F.

(Desenho de Sanches de Castro.)

de cegos», Sampaio Bruno é um «dos muitos régulos intelectuais com um só olho, que por cá teem crescido, enquanto isto era terra de cegos»

O bom do crítico, porém, defende-se regularmente, visto confessar que na obra de Sampaio apenas conhece a «famosa Ideia de Deus» (de que, certamente, nada percebeu), como reveladora da «capacidade intelectual e artística» do autor.

E aí fica a gente a pensar no modo como essa capacidade, patente ao *grande sábio-filósofo* F. Lopes na «Ideia de Deus», se perdeu ou se não mostrou no Brazil Mental, «Modernos Publicistas Portuguêses», «Questão Relijiosa», «Ditadura», etc.

Mas, já o garoto d'ali da esquina dizia:

— Não percebo nada, deve ser bom... O resto não presta...

VÁRIA

"A Águia,,

A Aguia, sobranceira e altiva, deixa, por instantes, os solitários píncaros da montanha. Soltando gritos eroicos de superioridade, alarga as azas no gesto impetuoso do arranque e já devora os ares, com fervor de vida e luta. Tremem-lhe as garras, no olhar faiscante perpassam-lhe relâmpagos de tormenta. E vôa sempre, no delírio fulminador da ância.

E se aqui, além, as garras mais se lhe curvam — é para mais as vincar, para mais fundo gravar os sulcos...

Ela grita ardências de fogo. O bico bem forte, as azas bem retezas — só ama a grandeza dos orizontes claros. E sempre para mais alto vôa ela, lonje do grasnar ridículo da imbecilidade, bem fora do coaxar impertinente da estupidêz.

Para lá, para lonje, para o alto — sempre para mais lonje e para mais alto!...

Os "génios,,...

Não á como os *génios* para as grandes previsões. Ainda *A Aguia* andava no chôco e já lhe anunciavam a côr das penas, a força das garras, a tesura do bico. Seria, quando muito,... galinha.

São os tais grasnar e coaxar que *A Aguia* ouve lá embaixo:..

A nossa ortografia

A não ser que o autor indique a ortografia a adoptar, servir-nos-emos da estabelecida pelo snr. Gonçálvez Viana, salvas, é claro, as naturais defeciências inerentes a todas as inovações.

Crise de bachareis

Desta vez sempre parece que a crise de bachareis será resolvida. Não por qualquer grande exportação, ou por compra importante, mas pelo simples estabelecimento dos cursos livres. Só falta saber se, dada a quási geral incompetência dos mestres, a *élite* não será composta simplesmente dêsses animais exóticos, que tambem dão pelo nome de «ursos».

Colaboração

Além dos colaboradores efectivos desta revista, aceitaremos todos os que apareçam com geito e arte. Quem saiba escrever tem sempre lugar nesta publicação.

As «crenças» relijiosas

Pela expulsão das congregações ostensivas, eliminação dos feriados *santos*, e, até certo ponto, pela lei do divórcio, todas se abalaram as «crenças» relijiosas da boa gente portuguesa, sendo muito provável que a sacudidela da separação da Egreja do Estado as derrua por completo. «Crenças» que morrem...

Mas, eram crenças ou crendices? Ou era apenas a inércia da imbecilidade duns e a luxúria interesseira doutros?

Alvíçaras

Dão-se a quem encontrar nos palcos portugueses uma peça já não dizemos bôa mas, pelo menos, regular.

A geração nova tem a íntima obrigação moral de procurar essas coisas.

OS NOSSOS INQUÉRITOS

Na revista internacional *Les Documents du Progrès*, o poeta belga Emílio Veraeren escreve:

L'art est-il social? S'il ne l'est, en son essence, doit-il ou peut-il l'être?

Tomèmos a questão. Aí fica para ser apreciada e discutida pelos nossos leitores.

* * *

Em futuro número iniciaremos uma série de inquéritos sobre o valor e produções dos chamados literatos portugueses. Os primeiros referir-se-ão aos srs. *Abel Botelho e António Patrício*. Recebemos todas as opiniões, publicando o que nelas se contenha. Só pedimos que todos sejam o mais concisos possível e que não fujam a assinar o que escreverem. Desnecessário será dizer tambem que, em nada, são chamadas para esta revista as ideias politicas ou relijiosas dos criticados. Tão só é indispensável que o valor literário e artístico de cada um deles seja bem marcado.

Aos editores respectivos solicitamos que nos enviem os esclarecimentos que julgarem bons e precisos.

No próssimo número, que sai a 15 de Dezembro:
"Os Ciprestes,, — Poesia de Correia d'Oliveira.
Omenajem a Tolstoi: — Desenhos de António de Carneiro, Cristiano de Carvalho, Jaime Cortesão, João Augusto Ribeiro, Júlio Ramos e outros, e colaboração literária de José Pereira de Sampaio (Bruno), Teixeira de Pascoais, Leonardo Coimbra, Jaime Cortesão, etc.
Outros variados escritos (prosa e verso).